

## PICOS NAS SOMBRAS DO TEMPO: A CIDADE PRÉ-REFORMA URBANÍSTICA COMO ESPAÇO DA SAUDADE\*

José Elierson de Sousa Moura<sup>91</sup>  
Larice Íris Marinho Moura<sup>92</sup>  
Ada Raquel Teixeira Mourão<sup>93</sup>

*Artigo recebido em: julho/2015*  
*Artigo aceito em: agosto/2015*

### Resumo:

Este trabalho analisa o estranhamento identificado em alguns moradores com relação à cidade de Picos (Estado do Piauí) da contemporaneidade, evocado através do sentimento de saudade da cidade associado à década de 1950, período de destaque da economia agrícola às margens do Rio Guaribas, e da década de 1960, quando a cidade oferecia uma variedade de espaços de lazer e convivência para os cidadãos. Para retratar a existência desses espaços tem-se como referência o presente, que é o tempo da falta, sendo que a angústia, pela falta, em face do tempo, assume um refúgio no passado. Nosso objetivo foi conhecer as cidades projetadas

---

\* Artigo desenvolvido a partir do projeto *Rio Guaribas: história oral e identidade*, no Programa de Educação Tutorial – PET: Cidade, Saúde e Justiça, no ano de 2012.

<sup>91</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB, da Universidade Federal do Piauí-UFPI e bolsista CAPES. <http://lattes.cnpq.br/9300414701534014>.

<sup>92</sup> Licenciada em História, pela Universidade Federal do Piauí-UFPI. <http://lattes.cnpq.br/3060773059215574>.

<sup>93</sup> Doutora em *Espacio Público y Regeneracion Urbana*, pela Universidade Barcelona – Espanha; e docente da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB. <http://lattes.cnpq.br/8753514615371475>.

no imaginário dos cidadãos como lembranças, tendo em vista que os usos dos espaços eram moderados por filtros culturais e normas sociais. Os picoenses sentem saudade da cidade de Picos de outrora, porque é uma das formas de terem no presente, o tempo que já passou.

**Palavras-chave:** Picos-PI; História e cidades; História e memória.

### **Resumen:**

Este trabajo analiza la rareza identificada en algunos residentes con respecto a la ciudad de Picos-Piauí de la contemporaneidad, evocada a través de la sensación de nostalgia de la ciudad asociada a la década de 1950, período importante de la economía agrícola en la ribera del río Guaribas, y a la década 1960, cuando la ciudad ofreció una gran variedad de espacios de ocio y convivencia para sus habitantes. Para retratar la existencia de estos espacios se hace referencia al presente, que es el tiempo de la falta, y la angustia de la falta, en relación al tiempo, se refugia en el pasado. Nuestro objetivo fue conocer las ciudades proyectadas en el imaginario de los habitantes de la ciudad como recuerdos, teniendo en cuenta que los usos de los espacios fueron amoldados por filtros culturales y normas sociales. La gente de Picos siente nostalgia de la ciudad de otrora, debido a que es una de las formas de tener en la actualidad, el tiempo que pasó.

**Palabras clave:** Picos-PI; Historia y ciudades; Historia y memoria.

*Picos, minha amada!  
O tempo muda os homens  
E os homens mudam as cidades.*

*Mas enquanto eu não morro, tu dormirás em minbas retinas.  
Eu sou tua fotografia, eternizada e renovada a cada instante.  
O velho e o novo nos meus olhos-poesia[...]  
Minha amada!  
Uma antítese em meu peito;  
Uma glória e uma chaga; um sorriso e uma lágrima[...]  
Elegia para Picos - Vilebaldo Nogueira Rocha*

## 1. Introdução

Nos fragmentos acima, o poeta “fotografou” com seus “olhos-poesia” uma angustia que atravessa diversos picoenses: o estranhamento com relação à cidade de Picos da contemporaneidade. Estranhamento que provoca em alguns moradores um sentimento de saudade da cidade das décadas de 1950 e 1960. Nas palavras do poeta, a maneira de viver, na atualidade, constitui uma antítese no seu peito, já que é sorriso e lágrima, ao mesmo tempo. Antítese que é sentida não somente de forma individual. Semelhante ao historiador que para desempenhar o seu ofício, parte de uma inquietação que não é somente sua, o poeta observa atores e espaços para compor a sua trama. Feito o historiador, que ao escrever está povoado de “presenças do presente e do passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 6), o poeta não está sozinho. Em *Elegia para Picos*, Vilebaldo Rocha (2012) partiu da sua saudade de uma cidade de outrora, para dar visibilidade à cidade de Picos da década de 1950, que Renato Duarte cognominou de *Picos: os verdes anos cinquenta* (DUARTE, 1991); e da década de 1960, período em que esta oferecia uma variedade de espaços coletivos que eram vivenciados e apropriados, e que agora são lembrados em forma de saudade. Os usos dos espaços coletivos na cidade de Picos de outrora, apesar de comuns a todos, eram regulados culturalmente<sup>94</sup> e nem todos os frequentavam do mesmo modo. Os vínculos e sentidos de consumo dos espaços obedeciam a acordos implícitos e convenções sociais. As prostitutas, por exemplo, “não podiam

---

<sup>94</sup> O termo “cultura” é utilizado aqui para se pensar as convenções sociais que distinguiram os espaços da cidade disponíveis para consumo. Rioux (1998) conceitua “cultura” a partir de duas linhas: a primeira, como a distinção entre a existência humana e o estado natural; e a segunda, como o conjunto de representações mentais e hábitos de um dado grupo em um determinado tempo.

frequentá-los nos mesmos horários e dias que as moças de família” (OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Semelhante a *Isidora*, cidade pensada por Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*, com os seus velhos sentados na praça vendo a juventude passar, recordando a *Isidora* sonhada de tempos atrás (CALVINO, 2011), a cidade de Picos também é a cidade das recordações. Picos é uma cidade-memória. Alguém que não a visitou desde as décadas de 1950 ou 1960, ao visitá-la atualmente, perceberá que as sociabilidades e parte da sua materialidade daquele período esfacelaram-se no tempo. A materialidade e a estrutura do espaço urbano influenciam as vivências e sociabilidades.

Durante a década de 1970, Picos recebeu a implantação de dois projetos de impacto urbanístico: a construção da BR-230, conhecida também por Rodovia Transamazônica (ATAS da Câmara dos Vereadores, 1973, p.182); e um Plano Diretor de Organização do Espaço Urbano (ATAS da Câmara dos Vereadores, 1974, p.15). Os dois projetos fizeram parte do pretense surto modernizador planejado para algumas cidades brasileiras durante a Ditadura civil-militar<sup>95</sup>. Entendia-se que a cidade de Picos era o *marco zero* da Rodovia Transamazônica e que merecia um Plano Diretor que propiciasse o ordenamento econômico e social do seu espaço. Foi uma forma de prometer, mediante o *milagre econômico*, o combate à pobreza, que no início da década de 1970, assolava o Piauí (MOURA, 2014). Os dois projetos provocaram alterações no traçado urbanístico da cidade, entretanto não foram os únicos. A Praça Félix Pacheco, principal praça central, sofreu diversas alterações, diminuiu de tamanho e perdeu atrativos culturais como o Coreto e o Bar Abrigo<sup>96</sup>, espaços dinâmicos de vivência social. A Avenida Getúlio Vargas, principal via de acesso ao centro da cidade, trocou a sua calma pelo trânsito confuso, sendo

---

<sup>95</sup> Desejava-se transformar algumas cidades brasileiras em símbolos de avanço e desenvolvimento. A cidade de Picos, no interior do Estado do Piauí, na década de 1970 foi planejada dessa maneira. (FONTINELES, 2007).

<sup>96</sup> De acordo com Karla Oliveira (2011), o Bar Abrigo foi um dos catalisadores de sociabilidades na cidade de Picos durante a década de 1960. Vários jovens buscavam o bar como forma de se divertirem, de acordo com as regras culturais da época.

hoje a principal via comercial da cidade. O Rio Guaribas<sup>97</sup> perdeu seu protagonismo econômico e agoniza no desprezo de parecer ausente. As mudanças foram tantas e tamanhas, a ponto de deixarem os sujeitos, que viveram aqueles períodos, desejosos de um “retorno” ao passado.

Com todas as transformações ocorridas, várias cidades foram projetadas no imaginário dos picoenses. As “cidades reais correspondem a várias outras cidades produzidas pelos cidadãos através do pensamento e da ação” (PESAVENTO, 2007, p. 11). Buscamos conhecer, a partir da interseção das narrativas dos moradores, a cidade de Picos das décadas de 1950 e 1960.

As motivações dessa pesquisa estão relacionadas ao desejo de perseguir aquela cidade do passado. Cidade da memória, que, ainda hoje, mobiliza sentimentos de ausência. Como não desejar conhecer “essas cidades”, se dentro dos “aprendizes de historiadores” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 8) que teceram estas linhas, existem crianças que aprenderam a sentir saudade do Rio Guaribas, sem o terem mergulhado uma única vez? Do desejo de ouvir a banda de seu Raelson tocando na Praça Félix Pacheco, enquanto as crianças brincavam, mesmo não tendo pisado aquele chão rodeado pelos belos jardins que existiam na época? De poder enxergar o céu estrelado depois que a energia era desligada às onze horas da noite? (DUARTE, 1991). De sentir-se na pele das prostitutas, quando as “mulheres de família” imprimiam olhares de desprezo que perfuravam a dignidade, fazendo-as sentirem-se marginalizadas, principalmente em ambientes festivos? (OLIVEIRA, 2011, p. 56).

A partir de tais inquietações, analisaremos as lembranças de cidadãos que viveram na cidade de Picos na segunda metade do século passado. Seja por meio das memórias escritas do picoense Renato Duarte, em seu livro *Picos: os verdes anos cinquenta*, forjado na década de 1990; ou por meio do processo de fermentação das lembranças que nos foram narradas na segunda década do século XXI. Lembranças que passaram por diversas transformações, enxergando múltiplos-passados.

---

<sup>97</sup> A Praça Félix Pacheco, a Avenida Getúlio Vargas e o Rio Guaribas são alguns dos espaços urbanos mais evocados nas memórias dos cidadãos, tendo em vista que se constituíram como espaços de relações sociais que preenchem o vazio da saudade.

Lembranças que contornam o presente em que vivem, constituindo-se no tempo da falta. Os narradores lamentam a falta das sociabilidades na Praça Félix Pacheco, das plantações às margens do Rio Guaribas e da “não existência” de violência numa cidade outrora pacata. O texto constitui-se em uma cartografia da saudade, ligada à temporalidade específica dos anos 1950 e 1960, na cidade de Picos.

## **2. O “sentir” o tempo passado e suas múltiplas representações**

Um rio e as lembranças. Múltiplas-lembranças. Seu nome: Tâmis. Rio que cresceu dentro de Simon Schama. Ouvira falar muito do rio durante a sua infância. Os poetas disseram-lhe: é um rio a montante; as suas águas borbulham; as suas margens são cobertas de musgo; ou, é uma estrada verde-oliva que divide Londres ao meio. Os poetas criaram uma camada de lembranças. Com o encontro, Schama criou a sua própria camada. O Tâmis agora era: o rio com estuário baixo, com a visita de gaivotas; com o seu leito de sal e água doce; e com o vento que levava consigo o cheiro de um vasto fungo subfluvial (SCHAMA, 1996). Um segundo rio e as lembranças. Infinitas lembranças. Seu nome: Guaribas. Em Picos, soa melhor de outro modo: “Rio Guaribas”. É sinónimo de uma década. Falar da década de 1950 é falar também daquele rio. Existe um direcionamento nesse sentido. Existe uma saudade. Para sermos mais precisos, existe um discurso saudosista.

Voltemos ao Tâmis. É que ele, antes de ser natureza é cultura. A natureza e a percepção humana, não se separam. A paisagem, do mesmo modo, não se separa da mente. É uma criação da mente (SCHAMA, 1996). Na outra face, o Rio Guaribas enquanto o rio que marcou a década de 1950 em Picos, também é uma criação da mente.

Em 1950, a cidade possuía uma população de 4.568 habitantes na área urbana. Em 1960, tinha 8.080, e em 1970 já era de 18.092 (MARTINS, 2003). Sobre a década de 1950, Renato Duarte apropriou-se de Picos, do seu lugar de fala construiu a sua paisagem, utilizando-se das áreas ribeirinhas. Para ele, no início dos anos 1950, a cidade era formada por um “núcleo urbano integrado ao meio rural”.

Nos meses secos, a urbe era envolvida por um cinturão verde e por uma faixa úmida que margeavam o Rio Guaribas. Eram como duas veias. Veias que definiam as estratégias de sobrevivência da cidade. Veias que faziam pulsar esperança. Veias que conduziam o combustível para pulsar vidas: a água (DUARTE, 1991, p. 17).

Maria das Graças Rodrigues, do mesmo modo que Renato Duarte, também foi uma das cidadinas que guardou o passado como refúgio. Ao falar sobre a vida na cidade que parece ter ficado em outro tempo, sem lhe pertencer mais, disse:

Não tinha tudo como hoje, mas pelo menos não tinha necessidade. Era até melhor pra viver do que hoje. Porque hoje a gente tem tudo, mas a gente não tem nada porque não tem segurança para ir à rua, não tem segurança pra estar dentro de casa [...] (RODRIGUES, 2012).

Ao falar do tempo que viveu, trouxe para a discussão o tempo em que vive no presente de sua fala. Um tempo que trouxe mudanças na forma de enxergar a cidade de Picos. É um tempo egoísta que vem consumindo os traços e rastros de outra temporalidade, dificultando o trabalho do historiador. É um tempo amigo, pois não se curva às quebras lineares que alguns tentam lhe impor, de presente, passado e futuro, fazendo amizade com o desejo de retorno a outra época, primando pela continuidade. É o tempo e algumas de suas faces.

Com as análises, uma questão surge e o nosso ofício precisa lançar luz em sua direção, para que esta, feito um linho, entrelace-se a outros linhos, fazendo parte da tessitura que está sendo bordada (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012): será que as tantas cidades que se formaram no imaginário dos moradores que viveram os anos 1950 e 1960 em Picos (entrevistados por nós) foram evocadas da mesma forma? Existe algo em comum quando as memórias individuais são evocadas? Para respondermos tais indagações é preciso apoiar-nos em estudos urbanos.

Até a década de 1990, os estudos sobre o urbano buscavam entender a materialidade da cidade como “*locus* da acumulação do capital”. Todavia, nos anos 1970, começou-se a pensar também as representações sociais que emergem das práticas e vivências, como fundamentais para a compreensão da cidade apropriada (PESAVENTO, 2008, p. 8). Neste sentido, se buscamos conhecer as cidades

subjetivadas, diversas e individualizadas, podemos entender que as pessoas que vivem em um mesmo período não são necessariamente contemporâneas. Elas não sentem a cidade da mesma forma (CORBIN, 2005). Várias são as maneiras dos picenses evocarem os anos 1950 e 1960. A busca pelo múltiplo é uma das faces possíveis, lançando feixes de luz nas ferramentas do historiador. É uma busca pelos múltiplos fragmentos do passado. Fragmentos que se encaixam, ou não, formando o quebra-cabeça que chamamos de memória. Assim, o ato de lembrar não é uniforme, pois as experiências de vida são múltiplas.

Maria das Graças Rodrigues, ao falar de sua rotina diária na área urbana da cidade, descreveu o dia-a-dia dos cidadãos a partir da necessidade de abastecimento de água retirada do Rio Guaribas.

[...] Até sete horas tinha que pegar água no rio, por que depois de sete horas o pessoal começava lavar roupa e não tinha mais água, não dava mais pra pegar água no rio. Então começava de madrugada e quatro horas nós começava a pegar água do rio porque tinha que beber, lavar, cozinhar, tudo do rio [...] (RODRIGUES, 2012).

Entretanto, nem todos sentiam aquela temporalidade da mesma forma na área urbana. Nem todas as pessoas precisavam deixar as suas moradias em direção ao Rio Guaribas em busca da água que necessitariam durante o dia. Se Maria das Graças lembrou-se da sua rotina diária a partir da necessidade de buscar água no rio, certamente, foi porque a sua família dependia das águas do Rio Guaribas, não tendo outra forma de obtê-la que não fosse se deslocando até seu leito. No entanto, nem todos os cidadãos contemporâneos seus, lembraram da rotina a partir do rio. Nem todos dependiam daquelas águas para matar a sua sede. Havia em Picos a venda de água dos olhos d'água, com a qual as pessoas de mais posses econômicas se abasteciam.

Sabendo que a atividade do lembrar possui múltiplas faces, podemos ter acesso às suas multiplicidades mediante o contato com as memórias daqueles que viveram e consumiram a cidade de Picos do período analisado, percebendo que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo,



interfere no processo atual das representações” (BOSI, 1994, p. 46-47). Apesar de termos acesso ao passado, mediante a utilização da memória, não o teremos tal qual ocorrera. A memória não é fixa. Ela é sujeita a transformações. Nunca é pura porque para as lembranças “reais”, sempre existem lembranças fictícias. Nós as adquirimos mediante a convivência com os grupos sociais dos quais fazemos parte. O grupo familiar é um exemplo disso. As primeiras lembranças da infância, normalmente, não foram formadas por nós, mas por familiares que de tanto as evocarem, acabaram fazendo parte da nossa memória (HALBWACHS, 1990). Levando-se em consideração as possíveis transformações da memória, a nossa busca é menos pela verdade dos narradores, do que pela maneira como lembram. O que interessa é o que os narradores escolheram como história para a vida. É saber qual a cidade de Picos que cada um lembrou, guardando como sua.

Se o passado não pode ser mudado (mas somente a maneira de lembrá-lo), dependendo da temporalidade em que estamos inseridos, o presente se torna o ponto de partida. Ele é o detentor do nosso olhar. Elizabeth Jelin, seguindo a ideia que a maneira de lembrar o passado pode ser mudada, afirma: “El pasado ya pasó, es algo determinado, no puede ser cambiado. El futuro, por el contrario, es abierto, incierto, indeterminado. Lo que puede cambiar es el sentido de ese pasado, sujeto a reinterpretaciones” (JELIN, 2002, p. 39). O “resgate” do passado, tal e qual, é uma barreira intransponível. Resta ao historiador ter em mente que o seu trabalho é uma possibilidade, dentre várias. Uma possibilidade de conhecer o que um dia fora promessa de futuro. Promessa que já passou. Ao tratar desse limite, Ecléa Bosi diz que a releitura é um exemplo da impossibilidade de reviver o passado, e que sendo o tempo um limite fatal, resta-nos reconstruí-lo com o que nos foi possível (BOSI, 1994).

Posto o limite do nosso ofício, em que os traços passados passam pela barreira do tempo, seguimos na busca das memórias, considerando os afastamentos e proximidades dos grupos em relação aos fatos passados como processos de seleção dos acontecimentos, já que o afastamento de um grupo e a perda de contato incita a descontinuidade (HALBWACHS, 1990). Um exemplo disso é a maneira como Patrícia Barros falou sobre os diferentes espaços do Rio Guaribas.

Eu não sei. Porque assim... [tempo para pensar] eu morava vizinho à Igreja Catedral e eu circulava por ali, Monsenhor Hipólito que era onde eu estudava. O rio naquele tempo parecia uma coisa tão distante, sabe? Hoje é perto até porque a cidade cresce e os espaços diminuem. Você tem a sensação que há muito canto, aquilo não se torna mais distante, mas era outro mundo (BARROS NETO, 2012).

Para ela, o Rio Guaribas parecia algo distante. Era distante porque ela não tinha contato com ele. Não precisava das suas águas. Certamente sua família possuía recursos financeiros e podia adquirir a água era retirada dos olhos d'água e levadas em casa para as atividades domésticas. Então, a falta de contato incitou a descontinuidade. Por isso ela iniciou falando: “Eu não sei”. Ela podia também ter dito que não se lembrava, porque no trecho acima houve duas distâncias. A primeira foi uma distância física, já que a maneira como vivenciou a cidade, os locais que frequentava, determinaram a formação de suas lembranças acerca do Rio Guaribas, tendo em vista que não o frequentava. E a segunda foi uma distância na formação de suas memórias. Em determinado momento da vida, Patrícia Barros foi morar fora da cidade. O distanciamento dos grupos sociais que rememoravam as lembranças sobre o Rio Guaribas, incitou a descontinuidade de suas lembranças.

### **3. Lembranças, sensibilidades e sua captura.**

Com um mergulho na memória do outro, não teremos como obter por completo o que este viveu. Muitas vezes as lembranças aparecem no momento do cafezinho, em que o narrador elucida detalhes que, na entrevista, não se lembrou (BOSI, 1994, p. 39), ou ainda, se fizéssemos a mesma entrevista em outro momento, diversos fatos novos poderiam surgir, como também poderíamos ter o decréscimo de muitos que tinham sido lembrados. Trabalhamos não com a palavra “resgate”, porque passa pela ideia de que um passado-pronto está na opacidade esperando que lancemos luz em sua direção, mas sim feito uma “bordadeira”, recolhemos os fragmentos como se fizessem parte de um mesmo tecido, para tecer a trama, preenchendo lacunas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 8). Por causa desse processo, o nosso trabalho é uma possibilidade dentre várias.

Se Kublai Khan não pôde conhecer todo o seu território, destinando Marco Polo a explorá-lo, não se sabe até que ponto o imperador dos Tártaros acreditava nas descrições das cidades visitadas pelo jovem veneziano, mas continuou a ouvi-lo (CALVINO, 2011, p. 9). De alguma forma, a função de Marco Polo assemelha-se ao ofício dos narradores e a maneira de escutar de Kublai Khan se aproxima a do historiador que deseja capturar o que foi lembrado, utilizando-se da metodologia da história oral<sup>98</sup>.

E se não teremos a “verdade”, o que desejamos capturar? Kublai Khan e Marco Polo dialogaram sobre, apontando-nos um caminho:

[...] cada notícia a respeito de um lugar trazia à mente do imperador o primeiro gesto ou objeto com o qual o lugar fora apresentado por Marco. O novo dado ganhava um sentido daquele emblema e ao mesmo tempo acrescentava um novo sentido ao emblema. O império, pensou Kublai, talvez não passe de um zodíaco de fantasmas da mente. - Quando conhecer todos os emblemas, perguntou a Marco, conseguirei possuir o meu império, finalmente? E o veneziano: - Não creio: nesse dia, Vossa Alteza será um emblema entre os emblemas (CALVINO, 2011, p. 26).

O fragmento acima é fruto de uma ficção, mas não deixa de ser um “regime de verdade” (PESAVENTO, 2008, p. 51), tal construção literária é um belo retrato do fazer do historiador que lida com a história oral. Afinal de contas, a nossa busca é pelos emblemas que os narradores criaram sobre o passado. As várias cidades de Picos que se projetaram no passado. Assim como os emblemas narrados por Marco Polo, as imagens de Picos (re)criadas pelos narradores não nos mostraram completamente a cidade das décadas de 1950 e 1960, mas somente imagens dentre muitas outras que se formaram. Um emblema, dentre muitos que foram criados. E o que nos fará ter acesso aos emblemas não são as vozes dos narradores, o que nos fará ter acesso será o nosso ouvir, porque, como diz Marco Polo, quem comanda a

---

<sup>98</sup> Para Alessandro Portelli (2010, p.210), a história oral é uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de “narrador” e de outro sujeito que chamarei de “pesquisador”- encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações.

narração não é a voz, é o ouvido (CALVINO, 2011). O historiador precisa (re)educar o seu escutar. Só assim respeitaremos o narrar e o silêncio alheio.

A partir de todos os sentimentos partilhados nas conversas sobre a cidade de Picos do passado, a nossa busca também é pelas sensibilidades. Para a construção de um estudo das sensibilidades, é preciso seguir os rastros que se expressam em “atos, ritos, palavras e imagens, dando conta de explicar o real e o não-real, o sabido e o desconhecido, o pressentido e o inventado” (PESAVENTO, 2008, p. 58).

Analisar as sensibilidades requer um olhar que nunca está pronto. Uma alteridade de outro tempo (PESAVENTO, 2005). Um tempo que nem sempre é descontínuo. A linha da continuidade não é quebrada porque a saudade impede o corte e a ruptura. O passado é reinserido no presente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006). Hoje a saudade da cidade de Picos de anos passados é evocada. A saudade é evocada porque a quebra do tempo materializada pelas transformações permitiu justamente a continuidade do tempo, entre passado e presente, a partir das lembranças. Alguns picoenses, por terem vivido uma experiência cidadina que ficou no tempo passado, e por estarem conhecendo esta cidade que se apresenta na contemporaneidade, preferem a primeira à segunda.

Em outra conversa sobre o passado, Marco Polo proferiu a seguinte frase: “[...] o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado [...]” (CALVINO, 2011, p. 28). O pensamento de Marco Polo se aplica à cidade de Picos apresentada por alguns cidadãos que chegaram à cidade durante as décadas de 50 e 60, do século passado, e agora, com o trajeto feito, estão redescobrimo os espaços construídos em forma de saudade. As lembranças, por não se esgotarem em si mesmas, vivem em constantes transformações. Os sujeitos que lembram, por diversas formas e motivos, fazem seleção dos acontecimentos passados, tomando como base o tempo em que estão vivendo para construírem os eventos que farão parte do futuro.

No caso dos narradores que emprestaram suas lembranças para compormos o rosto desta trama, as memórias giraram em torno do deslocamento que algumas famílias fizeram de outras localidades próximas à cidade de Picos,

desejando melhorar de vida, tendo em vista que na temporalidade analisada, a urbe serviu como um imã (ROLNIK, 2004), recepcionando muitas famílias. Imã das práticas econômicas e de lazer, que tiveram como inspiração o Rio Guaribas, e das práticas de sociabilidades que, modeladas pelos filtros das construções culturais, ditaram o consumo dos espaços citadinos.

Maria das Graças Rodrigues, nasceu na localidade de Baixa do Curral, que hoje pertence à cidade de Bocaina<sup>99</sup> e era filha de agricultores. Veio morar em Picos com a avó, a mãe e uma irmã. Por parte da mãe eram dezesseis tios, mas todos já faleceram. E os tios, por parte de pai, que estão vivos moram no entorno da cidade de Picos. Nas suas lembranças, a sua família veio morar em Picos “porque era a salvação da lavoura”. Assim como outras famílias picoenses, na década de 1950, a sua família era dependente da agricultura no Rio Guaribas para viver, por isso ela também contribuía nos trabalhos agrícolas.

[...] Eu ajudava, não no período da plantação que era no mês de maio e eu estava estudando, mas no mês de outubro ajudava a aguar. Quando tinha forró que eu ia pra lá ajudava a comer o amendoim, ajudava a arrancar a batata, ajudava arrancar o alho, ajudava a tirar a raiz do alho, né, que tinha que tirar a raiz. Ajudava a separar o alho, a selecionar e ajudava a contar [...] (RODRIGUES, 2012).

Hoje a narradora é professora e, portanto, destacou a oportunidade que teve de estudar, como fundamental para seu crescimento. Apontou que este aspecto pode ser considerado como a “vantagem” do presente em que se deu a sua narrativa, tendo sido o fator relevante do seu interesse em fixar moradia em Picos. Vantagem que, em sua opinião, os jovens não pareciam aproveitar. Conta que naquele período, dos anos 1950, os pais não estavam preocupados com a educação escolar dos filhos e afirmou: “eu tiro por mim, eu estudei porque eu quis, mas minha mãe nunca mandou eu estudar” (RODRIGUES, 2012).

Francisca das Chagas Rocha também teve a sua família envolvida pela cidade de Picos. Veio morar aqui com a avó, um tio e três primos, “porque naquele

---

<sup>99</sup> Bocaina foi distrito da cidade de Picos, ficando a 18 km desta. Obteve sua emancipação política no ano de 1963.

tempo lá era atrasado” (ROCHA, 2012), afirma, referindo-se à “currutela”<sup>100</sup> em que morava e que hoje faz parte da cidade de Bocaina. Outro narrador, Josino de Barros Neto, também era filho de agricultor. A sua família, naquele período, era composta por seu pai, sua mãe e mais sete irmãos, sendo que a posteriori nasceram mais dois irmãos. Vieram de Bocaina para Picos em 1950, porque seu pai e sua mãe tinham a intenção “tanto de plantar alho, porque aqui era perto do rio, como também pra botar nós pra estudar” (BARROS NETO, 2012), expressou-se.

Nos trechos das três entrevistas narradas, tanto de Maria das Graças Rodrigues, de Francisca das Chagas Rocha, como o de Josino de Barros Neto, algumas informações se cruzam. Os três moravam em localidades que hoje pertencem à cidade de Bocaina, a cerca de 30 km de Picos. No período em questão, a cidade de Picos funcionava como um polo agrícola, tendo grande dinamicidade por conta da feira, onde eram vendidos os diversos produtos cultivados às margens do Rio Guaribas. Assim, algumas famílias se deslocaram até Picos, aproveitando as condições naturais de rios e riachos perenes (DUARTE, 1991). Maria das Graças Rodrigues veio porque a família queria melhorar de vida com os trabalhos agrícolas, contudo, ela também encontrou a oportunidade de estudar, o que a fez permanecer na cidade. Josino de Barros Neto veio pelo mesmo motivo, embora seus pais, ao contrário dos pais de Maria das Graças, não pensassem somente no acesso dos filhos à formação escolar. Mesmo estudando no período da manhã, pela tarde, Josino tinha que ajudar a família nas plantações. Muitos cidadãos trabalhavam pela manhã e estudavam à tarde. Era possível, contou-nos Maria das Graças Rodrigues, porque as escolas funcionavam em três turnos: de sete às dez, de dez às duas e de duas às cinco, já que a cidade não possuía energia elétrica. Podemos perceber que a cidade de Picos daquele período ofereceu, segundo as memórias dos narradores, motivos para que estas famílias se deslocassem e que, passados alguns anos, nas lembranças destes indivíduos, Picos não é mais a mesma que os atraíu.

As sociabilidades e o lazer também marcaram presença nas lembranças dos narradores. Francisca das Chagas Rocha (2012) disse-nos que tomava banho “pra

---

<sup>100</sup> Variação da palavra “corruptela”, que tem o mesmo significado de povoado, utilizada por Francisca das Chagas Rocha e outros cidadãos.

debaixo da ponte”, onde a água era bem “alvinha”. Os banhos no Rio Guaribas eram divididos em duas áreas, sendo conhecidas como “poços”. Os “poços dos homens”, que ficavam na “roça” de Dagoberto Rocha e próximo ao matadouro, em local mais afastado da área urbana, e os “poços das mulheres”, que na verdade eram trechos rasos do rio. Essa separação garantia a privacidade das mulheres. Renato Duarte (1991, p.19) afirma que os “poços dos homens possuíam profundidade que encobria um homem em pé. Já os das mulheres, que preferiam banhar-se em áreas de cultura de vazante, tinham profundidade bem menor”. Maria das Graças Rodrigues informou que nunca se banhou nos poços dos homens, porque não sabia nadar, mas algumas amigas destinavam seus banhos àquele local, quando não havia homens se banhando. Mesmo que de forma não intencional, se as mulheres se banhavam no poço dos homens, era simplesmente porque elas gostavam da profundidade, entretanto isso representou uma quebra sexista contra a determinação de locais de banho para homens e locais de banho para mulheres, já que os “poços das mulheres” não eram poços de fato.

O lazer em Picos não ocorria somente no Rio Guaribas, mas também no entorno da Praça Félix Pacheco, local em que a mocidade se reunia para flertar, esperar o horário dos filmes no Cine Spark ou, simplesmente, para conversar. Maria das Graças Rodrigues (2012) diz que a Praça Félix Pacheco, quando terminava a missa, pela manhã e à noite, ficava “fervilhando” de gente. “Os rapazes iam paquerar, iam flertar, namorar, esse negócio todo”. Porém, as moças também flertavam, namoravam e paqueravam. Maria das Graças relatou a presença da Banda de “seu Raelson”, que, aos domingos, tocava enquanto as crianças brincavam, além dos reisados, que ela “corria léguas” para assistir quando sabia que estava acontecendo em alguma casa da cidade. A Praça Félix Pacheco era um local de agrupamento de pessoas porque possuía o único jardim público da cidade, o coreto, poço artesiano, tanques, arborização, canteiros, gramados, bancos, além da área comercial (DUARTE, 1991). O Cine Spark, outro espaço de lazer localizado no entorno da praça, apresentava sessões todos os dias, aos finais de semana, à tarde e à noite, tendo como gêneros: romance, suspense, *bang bang* e os cristãos (OLIVEIRA, 2011).

As lembranças dos três narradores citados nos parágrafos anteriores são coletivas. Maria das Graças Rodrigues, Francisca das Chagas Rocha e Josino de Barros Neto não trazem suas memórias ao presente trilhando o caminho da individualidade. Mesmo tendo sido situações vivenciadas individualmente, o “lembrar” permanece coletivo. Os narradores são permeados de outras vozes que os ajudaram a construir os “quadros de memórias” recordados (HALBWACHS, 1990, p. 26). Muitas das lembranças dos narradores podem não ser totalmente suas, mas sim inspiradas em conversas que estes tiveram com outras pessoas. Tornaram-se “histórias dentro deles” (BOSI, 1994, p. 407) e, junto com a construção dos quadros de memórias e das histórias, formou-se também a não identificação com os valores e espaços de sociabilidades da cidade do tempo atual. Entendem-na de forma diversa:

[...] as crianças de hoje disputam até o espaço que respira, de tão egoísta que é. Naquele tempo não. Naquele tempo a gente brincava muito. Não tinha energia, mas em compensação não tinha violência. A gente brincava à vontade. Então a vida era boa. Tinha que pisar café, tinha que pisar arroz, tinha que pisar sal, mas tinha tempo para brincar, tinha tempo para tudo. Hoje tudo compra, mas não tem tempo de nada (RODRIGUES, 2012).

Na maneira de retratar o passado, Maria das Graças Rodrigues referiu-se ao presente do ano de 2012. Ao falar do tempo em que ela viveu, definiu o tempo que estava vivendo. Acontece dessa forma porque os olhares nem sempre estão voltados para o novo. O tempo não é descontínuo, há questões que se fazem presentes não importando a época (REZENDE, 2010). Para ela, o tempo passou, mas as brincadeiras de infância são lembradas como um momento vivo. Fizeram-se presentes, misturadas à percepção de que vive um período em que o tempo parece se acelerar, já que as pessoas não possuem “tempo de nada”; elas são egoístas, disputando até “o espaço que respira”. As décadas de 1950 e 1960 tinham os seus defeitos, como a falta de energia elétrica, mas não havia “violência”. Essa sensação descrita, de tempo volátil e de individualismo, possui como marco o *boom* pós-moderno da década de 1960, atualmente, plenamente sentida pela narradora.



Com o advento da pós-modernidade, o comportamento do ser humano, a sua relação com os outros e com os espaços, sofreram profundas transformações. A principal característica desses tempos de mudanças rápidas e constantes é que *Tudo o que é sólido desmancha no ar* (BERMAN, 1986). O tempo assume uma velocidade e parece se desmanchar, se fluidificar. Um dos motivos de o tempo ser percebido assim é a falta que sentimos do outro. As pessoas parecem ter tempo somente para individualizar as suas necessidades, assumindo características de um “narciso dessubstanciado” (SANTOS, 1998, p. 102) que prima pelo amor à sua imagem, acompanhado de um sentimento de vazio.

O individualismo é pai da insegurança moderna, que é o medo dos crimes e criminosos. A individualização moderna substituiu as comunidades solidamente unidas e as corporações, implantou o dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo, plantou o medo em toda parte. Esse sentimento, chamado de “mixofobia” (BAUMAN, 2009, p. 16), que é o medo de misturar-se, fez-se presente na fala de Francisca das Chagas Rocha e de Maria das Graças Rodrigues.

A primeira, ao tratar da importância do Rio Guaribas, deixa transparecer um sentimento de medo que lhe atormenta no presente. Lembrou que sua família acordava às quatro horas da manhã para tomar banho, porque “naquela época, não fazia medo”. Referiu-se ao passado como um tempo distante e que não lhe pertencia mais, contudo acabou trazendo-o para a cena do presente. A falta dos banhos no Rio Guaribas só se manifestou porque no presente da narrativa os banhos não acontecem. Através da memória, o passado vem à tona nas águas presentes, deslocando-as e ocupando seu espaço (BOSI, 1994). Se o passado, utilizando-se da memória, preencheu o presente, a maneira como este roubou a cena no presente de Maria das Graças Rodrigues é a partir de um sentimento de lamento pelo tempo que passou, apesar do período narrado ser denominado de “muito difícil” para viver.

Rapaz eu acho que era melhor de que hoje. Sabe por quê? Tá certo que tinha menos gente né? A população era pequena. Mais o pai de família que tinha dez filhos ele trabalhava só e sustentava a família. E a mulher ficava em casa criando os filhos, por isso que eram tudo educado. Não é

aquela questão de tá todo mundo... Como é? Como é que se diz? Deixa eu ver aqui... Numa bolha de vidro não, sabe? Tudo brincava a vontade, agora tinha aquela vantagem, todo mundo era educado. A educação começava de pequeno. Hoje em dia um casal tem um filho e não aguenta o filho. É capaz de apanhar dele não é? Então essa era a vantagem (RODRIGUES, 2012).

A “vantagem”, segundo Maria das Graças, estava presente nos valores. Na forma como os filhos eram criados pela mãe, que ficava em casa, mas que hoje também “ganha as ruas”, desempenhando outros papéis sociais. Já a “desvantagem” é que no tempo presente, os valores da instituição família não apareciam mais como consistentes. Na atualidade, a definição de família não é única, nem a mesma, mas complexa e diversa. Por esse motivo, Maria das Graças, por exemplo, que viveu em uma cidade onde os valores eram bem definidos, ao conviver com a “nova” forma de criar os filhos, acabou sentido um estranhamento, tendo em vista que o significado da família e o papel dos pais mudam na atualidade. Ao não se “achar” na “realidade”, passou por uma “desreferencialização do real” (SANTOS, 1998, p. 18).

O medo aparece como um companheiro de quem perdeu a segurança em um referencial sólido. E a cidade de Picos naquele ano de 2012, já tinha os componentes para que o medo de se misturar, por exemplo, fosse evidenciado. A cidade tem passado por um crescimento em parte do seu espaço urbano, gerando espaços que nem todos os cidadãos podem ter acesso. Na Avenida Severo Eulálio, região nobre da cidade, foram construídos condomínios fechados de prédios e casas como forma a salvaguardar aqueles que podem pagar pelo isolamento. Por outro lado, Maria das Graças Rodrigues e Francisca das Chagas Rocha moram no bairro São Vicente, local onde predominam moradias populares. Moradias que não possuem a segurança “vendida” pelos condomínios, que mais parecem “fortalezas”. Nem por isso, esses condomínios são locais onde as pessoas se sentem completamente seguras, livres da violência temida e atribuída ao espaço público. Como afirma Bauman (2009) o paradoxo é que moramos nas sociedades consideradas as mais seguras que já existiram, mas, mesmo assim, o medo do outro nos apavora.

Se o passado se apresentou a Maria das Graças Rodrigues e Francisca das Chagas Rocha dessa maneira, enquanto um refúgio para o presente em que estavam vivendo, é sinal de que a cidade de Picos das décadas de 1950 e 1960 foi ressignificada na memória dos narradores, como uma cidade que “não tinha” violência. O passado, por ter ganhado outros significados durante a vida, não tem o seu conceito pronto. E o futuro, por causa do medo da violência, assume uma indefinição. O sujeito que se percebeu dentro das três temporalidades foi nomeado por Martin Heidegger como o *Dasein*, que é o ente que compreende o ser. Mediante o surgimento da indefinição de passado e futuro, surge a angustia do *Dasein* desabrigado. Ser angustiado significa não mais se sentir em casa e ter a subjetividade abalada, por não estar amparado por um cotidiano conhecido, permanente e seguro (NUNES, 2002). O *Dasein* torna-se passado sem deixar de ser presente; e o passado antecipa-se ao futuro (NUNES, 2002, p. 25). Assim, Maria das Graças e Francisca das Chagas, sentem-se desabrigadas na cidade na qual deveriam abrigar-se. Se os tempos pós-modernos contém um “des” (SANTOS, 1998, p. 102), a cidade que as atraiu é a que as (des)atraiu.

#### **4. Considerações Finais**

As lembranças de Francisca das Chagas Rocha, Maria das Graças Rodrigues, Josino de Barros Neto e Patrícia Barros compartilham a ideia de que a cidade de Picos é a “cidade do já teve”, expressão que também foi analisada por Oliveira (2011, p. 12). Existiu, a partir das falas dos narradores, uma orientação cultural, direcionando o sentir dos cidadãos para o saudosismo de espaços urbanos que não existem mais, ou que sofrem pelo desprezo e pela falta de importância. Desejam o retorno, por não se identificarem com a cidade na qual vivem. A história das sensibilidades busca identificar a produção dos sentidos na formação de imagens do outro (CORBIN, 2005). Portanto, entendemos que a imagem construída de Picos, foi representada pelo sentimento da ausência, da saudade de lugares e vivências que não mais existem no momento dos relatos. Esta saudade, algumas vezes foi direcionada para espaços que nem todos frequentavam. O Cine Spark é

um exemplo possível. Maria das Graças não podia pagar para assistir os filmes, ainda assim, sentiu saudades da sala de cinema. É uma saudade da “possibilidade”, do ter por perto, para quem sabe um dia poder usufruir. O (re)memorar dos sujeitos tornou-se, assim, uma alegria que traz dor, uma tristeza que busca a esperança perdida, um viver que fala de uma condição de seres mortais, um tempo por aproveitar que possui um fim (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006), um prazer de (re)lembrar a cidade de outrora, lembranças que foram passageiras, lembranças que escorregaram por entre os dedos daqueles que fizeram o esforço de lembrar. Com o passar do tempo, o prazer de relembrar afastou-se do horizonte imaginativo, permanecendo somente a angústia em forma de saudade.

O ato de lembrar se transformou com o devir. O presente vivenciado selecionou as lembranças. Cada lembrança se tornou única. Cada lembrança nos despediu de um pedaço da cidade de Picos. Cada lembrança recebeu um ponto final.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.). **História e Sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p. 117- 139.

\_\_\_\_\_. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: BELLINI, Ligia; NEGRO, Antônio Luigi; SOUZA, Everton de Sales (Orgs.). **Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 13-26.

ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA. Livro nº 5. Picos: 1974.

ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA. Livro nº4. Picos: 1973.

BARROS NETO, Josino de. **Entrevista concedida a José Elierson de Sousa Moura e Larice Íris Marinho Moura**. Picos (PI), 18 de fevereiro de 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Schwarcz, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 13.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11- 31, 2005.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2.ed. Picos: Nordeste, 1991.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Entre Heráclito e Parmênides: a modernização em Teresina nas décadas de 1960 e 1970. In: KENNEDY, Robert Gomes Franco. VASCONCELOS, José Geraldo. (Orgs.). **Outras histórias do Piauí**. Fortaleza: Edições UFC, 2007, p. 110-125.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JELIN, Elizabeth. Las luchas políticas por la memoria. In: \_\_\_\_\_. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España, 2002, p. 39-62.

MARTINS, Agenor de Sousa et. al. Estrutura social. In: \_\_\_\_\_. **Piauí**: evolução, realidade e desenvolvimento. ed. rev. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 167-206.

MOURA, José Elierson de Sousa. **Os múltiplos dizeres sobre a cidade**: a invenção discursiva da pobreza em Picos (1970-1979). 2014. 180f. Monografia (Curso de Licenciatura em História). Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Karla Ingrid Pinheiro de. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960.** 2011. 80f. Monografia (Curso de Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Tempos Acadêmicos**, v. 1. p. 127-134, 2005.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n. 53, p. 11-23. jun. 2007.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letras e Voz, 2010.

REZENDE, A. P. M. A história de Deus não se conta. **In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL**, 10. 2010, Recife. Anais... Recife: UFPE, p. 1-6.

RIOUX, Jean-Pierre. Introdução: um domínio e um olhar. In: \_\_\_\_\_; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 11-24.

ROCHA, Francisca das Chagas de Sousa. **Entrevista concedida a José Elierson de Sousa Moura e Larice Íris Marinho Moura**. Picos (PI), 17 de fevereiro de 2012.

ROCHA, Vilebaldo Nogueira. **Poemas sobre o Rio Guaribas** [mensagem eletrônica]. Mensagem recebida por eliersom@hotmail.com em 14 de novembro de 2012.

RODRIGUES, Maria das Graças. **Entrevista concedida a José Elierson de Sousa Moura e Larice Íris Marinho Moura**. Picos (PI), 04 de março de 2012.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 18.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.